

# COMO O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM PODE CONTRIBUIR PARA O RESPEITO A DIVERSIDADE CULTURAL?

Rita de Cassia Gomes Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O ensino de língua por meio da pluralidade cultural é necessária, porque um depende do outro. Ao considerar a língua um fenômeno social entende-se que ela nasce da cultura de um povo em uma determinada época e ao não explicar esse contíguo dos rudimentos que compõem a linguagem falada ou escrita típica a uma coletividade através de seu idioma: a língua, torna-se uma peça de memória do ser social que o homem é. Nesse caso a língua portuguesa ao levar em conta o seu princípio de vocabulário e sintaxe que foi usado em uma determinada época, por sensatos escritores em diversas áreas do saber, tem-se os estilos de época por meio dos aspectos culturais, por essa razão, este estudo faz-se necessário que a língua está, estritamente, ligada a cultura de um povo. O objetivo deste trabalho foi refletir e levantar alguns dados a respeito da prática letiva do professor *in loco* ensinando a língua por meio da cultura local e suas divergências aos alunos da educação básica. Essa ação suscitou questionar como ensinar língua nacional por meio da pluralidade cultural? Desse modo, a pesquisa consistiu em revisão bibliográfica e documental para assentar a língua nos moldes sociais e torná-la fluida e evolutiva em um espaço tempo. Constatou-se que a língua ensinada em uma gramática fora de contexto social torna-se inadequado e de difícil aprendizagem para o aluno.

**Palavras-chave:** Cultura – Ensino–Língua – Currículo.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de como o processo de ensino aprendizagem da linguagem contribui para o respeito a diferença cultural, no Brasil, por que em um espaço de tempo, nas derradeiras décadas têm-se discutido a inclusão da cultura na técnica de ensino e aprendizagem, alguns professores e por parte de algumas ações coletivas de setores da sociedade para amparo ou ascensão, no âmbito das relações de classes, de certos objetivos e interesses comuns a todos, tanto para a transformação como a preservação da ordem estabelecida na sociedade (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, acredita-se que as civilizações sejam regularizadas como cernes e coparticipantes nas metodologias de ensino, com analogia à temática Bourdieu(1996) reitera que a cultura tornou-se o conteúdo ao princípio elementar do ser indispensável da

---

<sup>1</sup>Ex-aluna da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: ricassiaplaylovegod@gmail.com.

educação, por que a sua origem é a sua apologia última ao pôr a língua como cultural. Dessa forma, à língua não será raciocinada sem a cultura nas escolas e universidades.

Assim sendo, fundamentado na concepção de que a cultura é um item que sustenta toda a ação educacional e que desempenha uma função por estar inserida, no contexto social, é pertinente entender a importância do sujeito na sociedade e na formação de um indivíduo crítico e ao socializar esses movimentos reivindicam a inclusão da cultura no currículo escolar (BRASIL, 1997; CÂMARA JR., 1969 e 2018).

Dessa forma, este trabalho se justifica porque pretende tratar da importância da língua por meio da cultura de um povo. Esse prestígio das múltiplas culturas enriquece a sociedade ao transformá-la em uma por meio da heterogeneidade de troncos culturais que perpetram parte de uma conjuntura educativa, por exemplo, alunos em uma sala de aula.

Nessa continuidade, Forquin (1993) e Candau (2002; 2003), por exemplo, ressaltam a analogia vivente entre escola e cultura. Por esse saber entende-se que há algumas instigações em buscas de saberes do vulgar para o culto, por que existe a perfeita compreensão acerca da seriedade da cultura na metodologia de aprendizagem e nas práticas pedagógicas letivas dos professores para o ensino de língua.

Na verdade, uma educação pautada no multiculturalismo há de despertar uma linha de debates entre os mais renomados professores-autores e pesquisadores. Que procuram examinar a inclusão de conjecturas curriculares ao auxiliar para que o ambiente tanto sala de aula quanto escolar se torne adepto da ciência, que nesse caso são todos os alunos de todos os grupos sociais, étnicos e culturais (BRASIL, 2017).

A questão de pesquisa que se pretende responder é a seguinte: como o processo de ensino aprendizagem da linguagem pode contribuir para o respeito a diferença cultural, no Brasil?

Dessa forma, entende-se que a escola seja protegida como uma instituição socializadora que incorpore as diferentes culturas, com o propósito de que há um espaço sociável onde todos manifestam sua imaginação sem medo de serem censurados, como sem éticos e serem discriminados pela tradição que estes revelam-se pertencer.

Desta forma, o objetivo geral do trabalho deste estudo é refletir por meio de pesquisa bibliográfica a importância da cultura no processo de ensino-aprendizagem de alunos durante cursar a educação básica. Para as ações específicas têm-se os objetivos específicos que são os seguintes: i) verificar e averiguar através de pesquisa bibliográfica e documental a importância da cultura no processo de ensino-aprendizagem, no Brasil, para a educação básica; ii) Identificar elementos culturais para o ensino e aprendizagem da língua; iii)

conscientizar e compreender a importância da cultura, na escola, para o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, os estudos realizados para esta pesquisa apontam que há análises e discussão acerca dessa temática, há hiatos convergentes a respeito das diversas incorporações da cultura no método de aprendizagem, alguns professores resistem em utilizar a tradição cultural como conteúdos substanciais em suas aulas, passa a existir discussões, reflexões, ponderações e intervenções culturais a partir dos questionamentos, a respeito da cultura local, regional e nacional. Por esse salientar, tem-se a ampliar o conhecimento por meio da disseminação cultural e científica.

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica com a metodologia a ser aplicada nesse projeto constituir-se-á de seleção do material a ser lido, fichado para a escrita da redação final do trabalho de conclusão de curso por meio de um artigo. Desse modo, a todo momento haverá um diálogo discursivo entre orientanda e orientador.

Ressalta-se, ainda, que serão utilizados artigos, dissertações e teses relacionados ao estudo da língua e cultura com fins de complementação à pesquisa bibliográfica.

### **1.1 A importância da cultura, no processo de ensino-aprendizagem, no Brasil, para a educação básica.**

A cultura é entendida como uma ação, efeito ou modo de vida em que uma sociedade se organiza para viver, civilizadamente. Nesse sentido, é o conjunto das ciências adquiridas tanto ao longo de sua vida quanto por meio da instrução recebida nas escolas para a formação acadêmica. Por essa razão, não há sujeito sem cultura, todo homem tem um conhecimento relativo a alguma situação que apreendera no passado. A cultura em seus modos discursivos abrangem-no nas expectativas: popular, filosófica, teológica e científica (RIBEIRO, 1972).

Desse modo, entende-se que cultura é o conjunto dos costumes igualitárias e religiosos, das revelações intelectuais e artísticas, que individualiza uma sociedade de outra, por exemplos. Por esse prisma inseri ao contexto cultural aos princípios de conduta, conhecimentos, costumes ou crenças que caracterizam um grupo de outro que decorrem de culturas distintas.

Percebe-se que há cultura quando existem expressões intelectuais e manifestações culturais em um estágio evolutivo das recordações e valores de uma sociedade em uma determinada região geográfica, em um período de tempo-espço assentado por meio de um influência imposta das relações com outras sociedades. Nessa evolução percebe-se o zelo do espírito ao entendimento evolutivo da cultura como ciência. A ampliação das faculdades naturais dos homens são resultados de uma cultura do desenvolvimento do espírito.

Azevedo (1963, p. 33) reitera que:

O termo cultura, no sentido antropológico, lembra-nos P. Arrousse Bastide, 'conquistou na língua anglo-americana direito de cidadania, ao passo que na França encontrou resistências decididas, por já significar fortemente aí outra realidade bem espiritual. Na Alemanha o seu sentido oscilou, atormentado, do sentido clássico e impessoal ao nacional que se achava estreitamente ligado ao sentido antropológico'. Uma vez adotada, porém, a palavra neste sentido geral, com o termo, na sua nova acepção desmedidamente ampliada, difundiram-se as expressões 'áreas de cultura, camadas de cultura, difusão de culturas, conflitos de cultura' e outras como as noções de complexos e de traços culturais, algumas das quais, como por exemplo, 'camadas de civilização' (Kulturschichten), 'área de civilização' (Kulturkreise), já empregadas por F. Graebner, assistente de W. Foy, diretor do Museu de Etnografia de Colônia, no seu trabalho sobre o método etnológico<sup>2</sup>, em que a etnologia se apresenta, na sua concepção tão discutida, como 'a ciência das camadas e das áreas de civilização' [sic].

Nesse sentido, entende-se que há uma relação direta entre cultura e educação, por que aquela faz parte do pensamento humano e quando essa manifesta por meio do discurso ou da linguagem expressa a criação sistematizada do sujeito por meio de seu criador. Por essa razão, a cultura manifesta-se por diferentes maneiras.

De acordo Candau (2003, p. 23):

As relações culturais não são idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questão de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos.

Por esse princípio, a cultura é um elemento plural, por que é capaz de possuir muitas formas, aspectos e estados, ela é fluida, está em movimento e varia, na atualidade, com os recursos tecnológicos e midiáticos. Dessa forma, a cultura é por seu turno um elemento ativo na vida do ser humano e revelar-se nas obras mais vulgares dos comportamentos das pessoas e, não há sujeito que não a possua, e de outro modo todo indivíduo é um criador e propagador de cultura (AZEVEDO, 1963).

---

<sup>2</sup> GRAEBNER, F.. *Methode der ethnologie. Kulturgeschichte Bibliothek, Hergg. v. W. Foy* Heidelberg, C. Winter, 1910.

Ribeiro (1972, p. 93) corrobora que:

[...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo coparticipado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos desaber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação.

Dessa forma, o autor supracitado converge no conceito de que apesar a cultura consistir em uma invenção da atuação humana, ela é gerida pelas instituições escolares à medida que se transformam os pensamentos e serem aparecidas conforme as instâncias ou valores de crenças de um certo grupo social. Nesse sentido, a cultura para Ribeiro (1972) é um legado que se sintetiza em um contíguo de saberes que são transcorridos por meio das gerações antecedentes que foram conhecimentos esses aparecidos e experimentados pelos ancestrais.

Segundo Azevedo (1963, p. 34):

É que a palavra cultura, no sentido com que trasladou para a terminologia sociológica, em outros países, a começar pela França, ‘continua a ser no testemunho de Arrousse Bastide, o requinte da inteligência, a preocupação das belas-artses. Estima-se, o mais das vezes, deva ser desinteressada, isto é, não ter fins imediatos e estreitamente utilitários.

Desse modo, segundo o autor supracitado é nesse exato desenvolvimento do estado intelectual que o homem ganha gosto e interesse pelas artes e progressos das ciências, o que peculiariza a cultura, em que não é difícil reconhecer estes elementos essenciais, que são de acordo Azevedo (1963, p. 35):

1) o esforço pessoal e coletivo em prol da libertação do espírito; 2) o desinteresse, isto é, por maiores que sejam as relações entre o útil e o verdadeiro, ela não visa diretamente fins utilitários; 3) o sentido de tradição humana que procura, consciente ou inconscientemente, como um ideal supremo, seja qual for a riqueza de seiva de que se alimentam as suas raízes mergulhadas no humos nacional. Conservadora e criadora de valores, longe de se confundir com a vida material, a técnica e a economia, é ‘um esforço de inteligência e de onde para dominá-la e dirigi-las’<sup>3</sup> e elevar-se aos deuses, isto é, ‘até os valores impessoais e eternos que se encontram acima dos homens e podem vir a uni-los um dia’.

Nesse sentido, se, porém, há uma abstração, diz-se que o intelectualismo não se diz ocorrer senão da cultura humana válida para todas as sociedades que atingiram um certo grau de desenvolvimento, a cultura, ainda que, nesse sentido, restrito, está,

---

<sup>3</sup>BASTIDE, P. Arrousse. Cultura e matéria. Que é cultura. “Estado de São Paulo”, 21 de julho de 1935 [sic].

continuamente, fechada às tradições nacionais e alargar-se a tomar aparências e formatos diversas ao passarem por meios diferentes. Desse modo, ela será mais autêntica e original quanto, grandemente, mais rica e que dar força ou é substancial para a criatividade inovadora de uma sociedade que se cria raízes em suas experiências no solo nacional, mas não poderá germinar, como uma verdadeira sociedade civilizada, se não se acender, na perfeição de sua força, para todos os tempos e para todos os povos.

Azevedo (1963) afirma que as percepções de cultura variam de uma nação a outra e nas culturas nacionais entram e, efetivamente, penetram, em harmonias variáveis, segundo as épocas e os povos, os rudimentos da tradição nacional e os da tradição humana; no entanto, à compreensão universalista não se contrapõe um conhecimento nacionalista de cultura, senão quando, em vez de uma fusão e de uma harmonia desses elementos, se estabelecer, ao contrário, um antagonismo de valores ou se instalar a ideia de superioridade dos elementos particulares, nacionais, sobre os valores humanos e universais.

Desse modo, a cultura é, portanto, a aceção ao mesmo tempo completa, mais humana, mais fecunda de uma sociedade porque se discute: cultura e educação. Nesse sentido, pode-se dizer que esses fenômenos estão, intrinsecamente, ligadas tanto a cultura quanto a educação, por que juntas tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos alunos e dos professores.

## **1.2 A identificação de alguns elementos culturais para o ensino e aprendizagem da língua.**

No processo de ensino-aprendizagem, adota-se a cultura como aliada, por que se sabe que a gramática normativa nasce da literatura por meio de sua cultura, por essa razão, ela é enxada de exemplos de fragmentos de obras literárias com isso permite que cada estudante que frequenta à escola se sinta participante do processo educacional.

Os estilos e os costumes variam de acordo o tempo, a profissão, a religião em que se frequenta, mas acredita-se que a educação não sobrevive sem a cultura nem essa sem aquela. Nesse sentido, Candau(2003, p.160) assevera que:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim

como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados.

Por essa razão, a autora supracitada enfatiza que as escolas são instituições: educacional e cultural, espaço onde jazem vários grupos sociais que não são ignorados pelos professores muito menos pela prática letiva da escola, mas, sim, estimados, por meio de argumentações orais e escritas, para que as culturas de minoria sejam conhecidas e reconhecidas quanto a seus sistemas de ideias e formas de ser em um tempo e espaço.

Dessa forma, atese que se assenta é a estima de se perceber a afinidade entre cultura e educação, por que, a cultura alimenta todo sistema de conhecimento e por meio desse civiliza a sociedade que se torna sábia ao formar seus concidadãos. Desse modo, a cultura desenvolve um respeitável desempenho na ação de aprendizagem, porque ela é quem sustenta todo processo educacional, na incumbência de formar sujeito decisivo e sabedor de sua origem cultural, por essa razão há obrigação de se discutir as culturas diversas em sala de aula.

Na verdade, (BORBA; LEITE, 2013, p. 7): “[...] Considerando então a contradição e a obviedade presentes nessa relação, entendemos que o diálogo entre campos de saber afins pode ser uma forma de se chegar à compreensão do fenômeno da linguagem como comportamento social”. Nesse sentido, tem-se uma taxonomia que traz à luz do objetivo da aula ao público, nesse caso, os alunos e as aulas precisam ser balizadas pela relação entre: língua, cultura e sociedade.

Não obstante, a escola é um espaço para essas multiculturalidades, ela depara com múltiplos problemas em interagir suas práticas educativas mais comuns com a diversidade cultural vivenciada pelos alunos, isso decorre devido os conteúdos selecionados e trabalhados pela escola sob a orientação das bases legais, diretrizes e documentos tanto de âmbito federal quanto estadual e municipal (BRASIL, 1988, 1996, 1997, 1998 e 2002; SEE-MG, s/d.) não haver os princípios de contextualização, imanência e adequação ao universo cultural vivenciado pelos alunos (ANTUNES, 2012), por que a cultura que os alunos conhecem são apenas: os folclores e os carnavais, em geral, a cultura apontada como tradicional, não se debate a cultura existente em suas variedades da mais próxima a mais distante, na sala de aula, apenas dão-se evidências as culturas longínquas da realidade do aluno (COUTINHO, 1937).

Nesse sentido, Coutinho (1937, p. 4) corrobora que: “[...] se queremos reconstruir, é preciso começar pelos fundamentos, e refazer no espírito”. De acordo o autor, a reconstrução parte da ação ou do espírito, da realização dos verbos de ação em prática ao

mesmo tempo precisa-se ter conhecimento teórico, uma base para refazer na atitude, na ação entre os homens de sua vivência.

Azevedo (1963) reitera que o ponto de vista que se coloca para escrever uma obra é engenhosa e trabalhosa, porque fornece a concepção vulgar e clássica de um momento histórico de um povo inserido em uma sociedade. Por essa razão, a cultura é entendida, claramente, enunciativa, quando estabelece a distinção entre cultura e civilização. Aquela é o estado por excelência da moralidade, intelectualidade e artística, em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, ao compreender o estudo desinteressado das ciências e das artes. Por esse certame, a cultura adentra a sala de aula para fecundar saberes sociais e intelectuais.

Desse modo, segundo Azevedo (1963, p. 619):

A luta no terreno educacional não se devia travar apenas entre o Estado agnóstico que se mantinha fiel às afirmações de neutralidade confessional, e a concepção da pedagogia católica, senão também, no campo religioso, entre os dois pontos de vista confessionais.

Nesse sentido, há uma concorrência entre a escola leiga e a escola confessional, de um lado, de outro lado, a católica e a protestante. Dessa forma, não se pode compreender que há dois modelos culturais de ensino e outro, o político, o Estado pungente, por que há um problema político e religioso interno criado com a separação da Igreja com o Estado oriundo do conflito possível entre o conceito teológico do homem e da sociedade e a mentalidade que presidiu o sistema de governo em seu tempo a atualidade. Tanto em uma quanto na outra há os hábitos mentais coincidem por demais com as características do espírito de investigação científica para que não se deem entre as duas alianças tácitas a compreensão recíproca. Ao dogma sempre aberto à corrigenda individual corresponde o conceito moral em via de constante melhoramento progressivo (AZEVEDO, 1963).

Mediante ao exposto acredita-se que cada vez mais, na atualidade, há uma necessidade da inclusão da dimensão cultural na prática letiva escolar ou pedagógica. Sem esse enfoque pedagógicopautado numa expectativa de educação multicultural, não será possível um diálogo que se deveria compreender a alteração no currículo escolar por meio de sua grade curricular e por certo nos projetos de intervenção da escola que tanto é interdisciplinar quanto multidisciplinar (ANTUNES, 2013).

Desse modo, acredita-se que a escola deve mediar e intermediar todos os processos da formação humanística do alunado por meio das diferentes culturas para: as



crianças, adolescentes, jovens e adultos por meio das festividades, dos eventos, grêmios estudantis escolares e outros programas, e, projetos pedagógicos.

Na verdade, o currículo multicultural assenta os professores no desafio de descobrir técnicas e recursos didáticos para que os conteúdos de várias culturas equivaler a valer-se do veículo midiáticos, tecnológicos para introduzir e exemplificar considerações concernentes a uma ou outra disciplina; à medida que auxiliam os alunos a compreender e averiguar como os referenciais teóricos de sua disciplina implicam na construção de apurados conhecimentos; se, de, um lado, promove o aproveitamento do conhecimento pelos alunos que pertence a diferentes grupos sociais; por outro, acredita-se que seja necessário estimular a autoestima de grupos sociais minoritários, que compõe o grupo dos excluídos.

Dessa forma, elenca a educação para o respeito ao pluralismo cultural, ao desigual, ao diferente que por mais que seja consagrado dentro da normalidade para o exercício da democracia, ao enfatizarem as ações, os enunciados discursivos orais e escritos em que questionam, e, diminuem revelações racistas, discriminatórias, tiranas e arrogantes, existentes nas práticas sociais do dia a dia em todas as pessoas têm-se na sociedade a cultura tanto com seus aspectos sociais benéficas quanto malélicas para o uso do homem em suas relações interpessoais.

### **1.3 A conscientização da importância da cultura, na escola, para o processo de aprendizagem.**

A cultura, por si só, assim, como a língua não existem, mas para a sua valorização precisa de uma sociedade civilizada e desenvolvida como humanidade. Por que a cultura tanto é individual quanto social. Desse modo, Eco (1975, p. 75) corrobora que:

A cultura não é só o primeiro passo para se ser humano, isto é, para se poder valorizar a humanidade, como também, enquanto exercício de intersubjetividade, o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, isto é para dar voz ao outro, mesmo quando ela não ressoa a nossa. Para se ser universal ou inclusivo, isto é, para não excluir, só falta exercitar a empatia, que é a capacidade de se pôr no lugar do outro, constantemente<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> The culture is not alone the first step for if human being, that is, to can valorize the humanity, as well as, while intersubjectividade exercise, the first step for the learning of the democracy, that is to give voice to another, even when she does not resound ours. To whether be universal or inclusive, that is,

O autor supracitado corrobora que a cultura não é o primeiro elemento para o homem ser humanizado, nem tão pouco como exercício de subjetividade. O primeiro passo é todos estarem incluídos por meio da empatia, por que é, assim, que se devem viver os homens aglomerados no respeito mútuo e sutil nas relações sociais.

Por essa razão, em todos os casos, por um ângulo, há o exercício da prática letiva em fazer a tradução de conceitos didáticos, sociais aos alunos à medida que se manifesta, ininterruptamente, a sala de aula como um espaço de interculturalidade e intersubjetividade, como ambiente de buscado outro na imagem gráfica estática como da companhia do outro para mediar o que se sabe por meio da troca de turno nos diálogos, nas epistemologias, da alteridade perdida ou recalcada em si, por que há alguém que sabe mais que o outro nas práticas culturais e sociais brasileiras. Essa ideologia, Eco (1975, p. 36) ao tratar de semiótica, enfatiza: “[...] que a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação e comunicação e que humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação”.

Assim sendo, nessa vertente, entende-se que as relações interpessoais e os técnicas não se consumem na língua, mas em sua manifestação exterior sempre é elencada por uma tradução. Quando se fala de cultura e ensino tem-se exteriorizado o pensamento por meio de um signo nas relações entre sujeitos que condicionam um significado por meio dos processos de comunicação que abrange a língua. Cada sujeito, culturalmente, aceito em uma determinada sociedade, age com suas particularidades e costumes diversificados, cada um apreciando as variantes pessoais, grupais ou regionais nacionais.

Dessa forma, a cultura admite compreender, distinguir, conhecer ou averiguar os hábitos linguísticos e extralinguísticos, as idiosincrasias e os organismos não conscientes que estão por trás da elaboração e recepção do texto base ao texto receptivo ao leitor (BRASIL, 1997). Esse recinto de operacionalidade é um artefato insubstituível da competência do leitor.

Segundo Brasil (1997, p. 21):

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados.

Dessa forma, a linguagem é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados, e a Cultura é o conjunto de ações: maneira de vestir-se, escolha de alimentos e modos de comê-los, enfim, todos os modos, hábitos, pensamentos e crenças. Todas as maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário. Assim como a linguagem, a cultura é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e interpretadas.

Nesse sentido, todo texto é organizado em uma ação do espírito social. Por essa razão, de acordo Brasil (1997, p. 21):

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor;
- conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc.

Segundo Brasil (1997) o conhecimento sobre o conceito de gênero em língua portuguesa é stricto por que se refere as semelhanças familiares de uma relativa aproximação de um com o outro, por essa razão, tem-se os gêneros narrativos: conto, novela, dramaturgia, por exemplos. Desse modo, famílias de textos que participam de características comuns são denominadas gêneros por que há uma aproximação de características, mas são apresentados de forma heterogênea na sociedade, porque o texto se articula dentro de um tipo de suporte comunicativo e nele há marcas subjetivas da escolha gramatical, gênero e número como um dos elementos gramaticais (SEE-MG<sup>5</sup>, s/d.).

Por esse viés, a tradição é mais do que um algoritmo, por que a cultura é um cenário de conciliações e de orientações para o mundo condicionado em símbolos e formas simbólicas. Por tudo isso, ao refletir em fazer um trabalho de tradução, o tradutor não leva em conta, somente a tradução de informação de uma palavra, a correspondência de significado, mas, sim, leva em conta os sentidos do autor, o contexto, o cenário a ser traduzido. Sem agir, assim, este profissional estará saltando as conclusões sobre sentidos e significados do autor, ao

---

<sup>5</sup> Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

fazer interpretações errôneas, de acordo com seus próprios valores, de acordo com seus próprios sentidos, seus pontos de vista, isso ancora a subjetividade do autor mesmo usando elementos gramaticais impessoais (AGRA, 2018).

A probabilidade de apreensão dos múltiplos gêneros e sequências textuais para a realização de leituras ditas escolares e não escolares, como: outdoor, placas de sinalização de trânsito, letreiros, jornais, revistas, rótulos, por exemplos, ampliam as possibilidades de atuação do sujeito na cultura e no ensino de línguas, no Brasil.

Dessa forma, segundo Brasil (2002, p. 24) que é um dos documentos oficiais brasileiro indica que o desenvolvimento das performances genéricas são de representatividade e comunicação, conceituada no Parâmetro Curricular Nacional como competência de “[...] manejar sistemas simbólicos e decodificá-los”.

Por esse viés, entende-se que os signos são elementos que marcam o apreender por meio de atos sociais. Ao levar essa tarefa para sala de aula o professor ao ensinar línguas precisa despir de alguns preconceitos e ideologias convictas para assinalar o coletivo, o social, expor a língua por meio da cultura; o pensamento por meio de sua representatividade social quer em gestos ou expressão oral ou escrita (FERREIRA, 2005).

Acredita-se que, na atualidade, não se concebe um método de ensino despido da cultura, por que aquele potencializa-se nos argumentos e conceitos traduzidos pelo professor a classe e ora imbuído de ideologia pessoal ora preconceituosa sem uma análise acurada dos fatos e ciências desenvolvidas *in loco*.

Dessa forma, ensinar por meio da cultura torna-se uma realidade necessária à medida que o apreender fazer faz sentido ao aluno, ao sujeito inserido em sua realidade, por conseguinte, é exaustivo o ato de aprender a língua nacional, corretamente, de forma descontextualizada.

Zilberman (1999, p. 149) afirma que:

A linguagem, oral e escrita, coexistem e são perfeitamente capazes de permitir à criança comunicar-se com seus pares. Ambas as formas possuem a mesma língua subjacente e utilizam as mesmas regras para relacionar sua estrutura à representação de um determinado.

Dessa forma, entende-se que é necessário e executável a inclusão da cultura na metodologia de aprendizagem, no entanto, desde que tenha elementos, conceitos e organização da pessoa que ministra aula para lidar com este novo desafio. Mesmo que seja protegida essa união em meio a educação e cultura não se esquecer que o professor nesse procedimento

torna-se necessário para aplicar a sua *performance*. Assim sendo, o docente faz a intervenção junto ao aluno para que essa multiculturalidade do recinto escolar seja analógica aos fatores sociais.

Candau (2003, p. 157) assevera que é: "será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados". Dessa forma, a edificação de um original com conjunto de dados pessoais com base nesse pluralismo cultural não será tarefa fácil para o professor, pois isto requererá uma nova postura, novos saberes, novos objetivos, novas estratégias e por certos novos assuntos.

A Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), de 1988, em seu artigo (Art.) 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Para acolher tais finalidades, no âmbito da educação escolar, a Carta Constitucional (BRASIL, 1988, s/p.), no Art. 210, imediatamente, conferiu a necessidade de que sejam "fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais".

Dessa forma, Brasil (1988) a Constituição Federal do Brasil reitera que a União estabelece em coparticipação com o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, as diretrizes e diretrizes para a Educação Infantil e Educação Básica, que orientarão os currículos escolares e seus conteúdos básicos, à medida que certifica a formação básica comum (BRASIL, 1996).

A relação entre o que é básico comum e o que é diverso é retomado no Artigo 26 da LDB, que determina que os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

Dessa forma, essa orientação induz à concepção cognitiva por meio do currículo básico comum e parte diversificada por que insere a escola com os seus desafios a projetar, replanejar as práticas letivas por meio dos documentos oficiais federal, estadual e municipal a qual a escola esteja filiada.

## **Considerações finais**

Conclui-se, portanto que, o ensino por meio da aprendizagem em cultura é relevante à medida que o professor faz a contextualização, a imanência e a adequação do conteúdo para o entendimento do espírito do aluno. Desse modo, o professor precisa ter conhecimento tanto teórico como prático da disciplina que ele ministra e representa no discurso imperativo para a sociedade que ele presta tal função.

Acredita-se que tanto os objetivos foram cumpridos e a questão de pesquisa respondida, por que a aprendizagem de língua nacional exige conhecimento cognitivo do professor e que o alunado assimile tal conhecimento para o desenvolvimento de suas aptidões a partir das técnicas e das novas metodologias utilizadas pelo docente em sala de aula.

Por essa razão, pode-se rematar que a admissão de currículo multicultural no recinto escolar, não só permite a ciência de outras culturas, contudo ajuda no método de ensino e aprendizagem na medida em que os professores utilizem da cultura dos alunos em suas aulas, em projetos da escola quando tem essa interação, e, interesse do professor em conhecer, por certo valorizar as demais culturas ocorre o processo de cooperação por meio da socialização, onde toda cultura é entendida e vista sem um olhar depreciativo, ao proporcionar a partir daí um ambiente escolar, mas agradável e por certo uma nova perspectiva na forma de aprender.

## **Referências bibliográficas**

ANTUNES, C. C. **O caso de concordância na “Grammatica Historica da Lingua Portuguesa” de M. Said Ali.** VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO. ISSN 2316-3267, [S.l.], n. 2, p. 72-88, nov. 2012. ISSN 2316-3267. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/10861>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **O ensino de língua portuguesa pelo coordenador pedagógico: a mediação de leitura em aula para aluno em reforço escolar.** VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO. ISSN 2316-3267, [S.l.], n. 4, p. 94-104, jul. 2013. ISSN 2316-3267. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/14825>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>. Acesso em: 07/11/2018, às 21:37.

BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Mara Britto. **Prefácio** – Diálogos entre língua, cultura e sociedade. In.: Diálogos entre língua, cultura e sociedade / Lilian do Rocio Borba, Cândida Mara Britto Leite, (organizadoras). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1988.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]**. – 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**, Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Base comum curricular: educação é a base**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 08/11/2018, às 07:13.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. **Língua e cultura**. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046/13227>. Acesso em: 28/07/2018, às 10:04.

CANDAU, Vera Maria Ferrão - **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação**. Educ. Soc., 79: 125-161, 2002.

COUTINHO. Afrânio. 1937. **Por uma nova cultura** (Sobre o livro de Rougemont). O Imparcial, Bahia, p. 4, 22 de maio de 1937.

ECO, Umberto. **Trattatodi semiótica generale**. Milan: Bompiani. (English Version: A Theory of Semiotics. (1976) Bloomington: Indiana UP, 1975.

FERREIRA, Nilza Brandolfo, **A relação Cultura e Educação**. Projeto apresentado no curso de Pós-Graduação Lato Sensu: Psicopedagogia Clínica e Educacional a UNESP.São Paulo, 2005.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, 208 p..

RIBEIRO, Darci. **Teoria do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS (SEE – MG)**. Proposta Curricular de Conteúdos de Química: Ensino Médio. Belo Horizonte: SEE – MG, s.d..

ZILBERMANN, Regina. **Leitura em crise na escola**. São Paulo: Mercado Aberto, 1999.